

QUIÇÁ

Ulisses Carrilho¹

*Siempre que te pregunto
Qué, cuándo, cómo y dónde
Tu siempre me respondes
Quizás, quizás, quizás
(Oswaldo Farrés)*

1. Artefatos do desejo

Nas alquimias das eras ancestrais ou nas entranhas ocultas da mente humana, esconde-se o desejo inextinguível do sujeito em buscar a sua localização no vasto agregado ao qual chamamos mundo. Como um sábio alquimista ou experiente amante, cada pessoa mistura elementos físicos e metafísicos, almejando transmutar-se, encontrar o elixir que a faça finalmente encontrar sua verdadeira posição no cosmos. Nas navegações destemidas que rasgaram os oceanos como véus de mistério, encontramos as metáforas imperfeitas desse anseio insaciável. Antigos navegadores buscavam encontrar novas terras e com elas, no desbravar das fúrias selvagens porque naturais, a esperança de um novo ponto de ancoragem para suas próprias existências. Assim, o desejo de localização se entrelaça com a vontade de conquista, de descobrimento e de se encontrar no Oriente distante, onde as especiarias exóticas sussurravam promessas de riqueza e plenitude. Mas, como na alquimia, onde o ouro simboliza a busca da perfeição, a busca do Oriente também assume um significado simbólico profundo. Por ora, voltamo-nos ao que há de subjetivo nesse desejo. É uma busca pelo self, pela integridade do ser, um encontro consigo mesmo. A cartografia desempenhou um papel crucial nessa busca pelo espaço, tanto físico quanto metafórico. Os primeiros mapas do Oriente e do Ocidente eram tesouros de conhecimento, mas também artefatos de desejo. Eram uma tentativa de fixar o mundo, de criar uma representação concreta da realidade e, assim, encontrar um norte co-

¹ Ulisses Carrilho é curador, autor e pesquisador. Com pós-graduação em Economia da Cultura (UFRGS), estudou Comunicação Social (PUCRS) e Letras (UFRGS). Foi Curador de Ensino e Programas Públicos da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (2012-2022), com passagens pelo MACRS, Fundação Bienal do Mercosul e Galere Rolando Anselmi (Berlim). Com especial atenção para os processos de formação no circuito artístico, para além da EAV, pesquisa desde 2019 a circulação e legitimação de artistas autodidatas. Seus interesses extrapolam a arte contemporânea, com especial atenção para a cultura e a imagem, problematizando a curadoria e os próprios museus sob o fenômeno do exibicionismo como um fetiche social que adultera e informa o estatuto do contemporâneo. Vive no Rio de Janeiro. E-mail: ulissescarrilho@gmail.com

num para a humanidade. Esses mapas eram repletos de mistérios e alegorias, como as terras desconhecidas representadas por monstros marinhos e criaturas míticas, lembrando-nos de que a busca do desconhecido é muitas vezes um mergulho nas profundezas do próprio ser.

Em todas essas jornadas, físicas e simbólicas, o indivíduo anseia por um ponto de referência, um lugar que possa chamar de seu, onde ele se sinta enraizado e completo. É um desejo que transcende o espaço físico e se estende ao espaço metafísico da alma. É a busca pela pedra filosofal da existência, que pode transmutar a vida em algo eterno e pleno de significado. No entanto, essa busca incessante também pode levar à sensação de estar perdido, vagando por desertos de incerteza e labirintos de dúvida. Nas narrativas de Borges, as bibliotecas infinitas são um reflexo disso, onde os livros representam caminhos infinitos, uma busca pelo conhecimento que, por sua vez, é uma busca por significado e localização no universo da sabedoria.

À medida que exploramos as ciências antigas, as filosofias milenares e as navegações ousadas, percebemos que a busca pelo desejo de localização no mundo é uma jornada eterna, um enigma que nunca será completamente resolvido. Como os alquimistas que buscavam incessantemente a pedra filosofal, como os navegadores que desafiavam os mares desconhecidos, como os filósofos que perscrutam os mistérios da existência, o desejo de encontrar nosso espaço no mundo é uma busca que nos define como seres humanos. Tal fio de ouro nos liga a nossos ancestrais e nos leva em direção ao infinito, em busca do Oriente inalcançável e do norte comum que reside em nossos corações. Nas artes visuais, com Ío, antes de depois dela, o que insiste é o desejo.

2. Terra Animata

Numa imagem da Arte Povera italiana, encontro o enlace indissolúvel entre a humanidade e a terra, uma conexão primal que transcende o meramente material. Ao voltar às imagens, desenhos, propostas, indagações e textos que envolvem a pesquisa da Ío, uma forma insiste em fazer-se presente. No projeto "Terra Animata", de Luca Maria Patela, o que se desenha é uma dança sensível, uma coreografia entre o corpo e a paisagem, uma erótica que não é apenas carnal, mas também espiritual e

psicológica. Nesse diálogo íntimo, a busca do sujeito pelo seu lugar no mundo é exposta como uma jornada poética onde a própria carne torna-se um mapa vivo de experiências, desejos e anseios. A pulsão física do objeto, a matéria bruta, que assumira uma identidade singular na Arte Povera, revela-se como uma testemunha silenciosa da história e do tempo. Fragmentos e funcionamentos da natureza, como a própria gravidade, são elevados à categoria de arte e, nesse processo, encontram-se imbuídos de significado, tornando-se símbolos de uma busca incessante pela identidade e pela localização.

Nesse contexto, operar um magnetismo que conduz à erótica do corpo com a paisagem é compreender que a relação entre o indivíduo e o mundo que o rodeia é profundamente sensual. É uma exploração sensorial onde o toque, o contato, a fricção se tornam o idioma do corpo em sua busca por pertencimento. Ao se encontrar perdido nesse espaço, o sujeito não apenas olha para a paisagem, mas se permite integrar com ela de maneira íntima. Ele roça seu corpo na superfície do mundo como um amante acaricia a pele da pessoa amada.

Tal luz fascinante sobre essa relação erótica com o mundo foi um dos desafios ao concatenar a psicanálise: não apenas o sujeito consigo mesmo, mas sua força de relação e sociabilidade. Sua cultura e tudo aquilo que escapa à nossa compreensão. O ato de tocar: entrar em contato direto com a paisagem pode ser lido como uma manifestação do instinto humano de busca por prazer e satisfação. A terra, os objetos, a matéria bruta, todos se tornam projeções simbólicas dos desejos mais profundos do indivíduo. O toque se torna uma metáfora da busca pela realização de desejos inconscientes, uma tentativa de se apropriar do mundo de maneira sensual. O ato de roçar o corpo na superfície do mundo torna-se um ato de autoconhecimento, uma jornada rumo ao âmago de nossa própria psique.

Numa nota de rodapé do texto “O Obscuro Objeto da Magnetorecepção”, somos lembrados pelo trio de autores que “sentidos como a propriocepção, o senso de equilíbrio, a percepção térmica, dentre outros, são sentidos aos quais estamos habituados, mas, ao mesmo tempo, por não conhecê-los, nominá-los e compreendê-los com a mesma naturalidade que julgamos compreender os cinco sentidos clássicos, nos soam como algo estranho, que não faz parte desta realidade”. Ao apresentar a

hipótese, a possibilidade da magnetorecepção ser um sentido humano adormecido, convidando diversos seres humanos a despertar um possível sentido, volto-me a uma de suas perguntas, que desde a intersecção entre a arte, a filosofia e o cruzamento de saberes corporais ainda não nomeados, vibra, insiste, posiciona-se de maneira incontornável para minha leitura crítica: “O que ocorreria se abrissemos uma fissura em nossa percepção e habilitássemos outros sentidos não-familiares além daqueles consensuais?”

3. Beleza e Mistério

Assim como seus labirintos literários, a busca do sujeito pelo seu lugar na paisagem revela-se como um enigma profundo, uma busca que pode não ter uma resposta definitiva, mas que é, em si mesma, uma fonte inesgotável de beleza e mistério, como identifico todo o corpo de obra da Ío: repleto de beleza e mistério. Volto meu corpo a NCE (Magnetotaxia), trabalho realizado em 2023: um relevo composto por uma centena de ímãs oblongos acinzentados e agulhas, de aproximadamente 13 centímetros, sobre uma placa metálica. O conjunto é uma estrutura de agregação, instâncias de organização de um sistema e não uma forma fixa.

4. Oriente impossível

Goethe, que outrora despontou “Amo aquele que deseja o impossível”, romântico por excelência, nos recorda que a relação entre o indivíduo e a paisagem é uma busca pelo sublime, uma busca por uma experiência que transcende a mera compreensão racional. É a busca pela harmonia, pela unidade entre o eu e o mundo, uma busca que encontra eco nas explorações da Arte Povera italiana, onde a matéria bruta se transforma em poesia e o corpo se torna um instrumento de conexão com a vastidão da paisagem. Assim, na pulsão física do objeto, na fricção entre o corpo e a paisagem, encontramos um terreno fértil para a expressão artística e para a busca contínua do sujeito por seu lugar no mundo. É uma jornada que se desdobra em camadas de significado, uma dança sensível que transcende o tempo e o espaço, uma erótica do corpo com a paisagem que nos convida a explorar os recônditos da nossa própria humanidade. É um convite para roçar nossa alma na superfície do mundo, em uma busca eterna por significado e localização.

Encontro neste corpo de pesquisa os ecos de um convite deleuziano: devir animal. Junto ao desejo do impossível, sobra outra indagação, outro desejo, mais uma vontade: Orientar-se. Escrito pela filósofa Sara Ahmed, "Queer Phenomenology: Orientations, Objects, Others" propõe uma abordagem particular, que proponho aqui, para examinar desde um desvio do conhecimento assentado a relação entre espaço, sexualidade e identidade. Ao abordar o conceito de "sexualização do espaço" e como a experiência e a vivência do espaço são moldadas pelas normas de gênero e orientação sexual, a filósofa, de maneira a questionar as metáforas, assim como o duo Ío, retoma a importância do corpo vivido, do corpo sentido, do corpo experimentado. A autora examina como os objetos e espaços são carregados com significados culturais e sexuais. Ela argumenta que objetos e espaços podem ser "orientados" de maneira a reproduzir ou a desafiar as normas de gênero e sexualidade. Orientar-se aqui é um termo carregado de sentidos porque histórico e binário, numa pretensa separação, física e simbólica, entre "Oriente" e "Ocidente", hegemonias e contra hegemonias, entre o corpo da norma e o corpo pulsional.

Ahmed explora como o termo "orientação" está ligado à ideia de "Oriente" e como essa relação tem implicações profundas para a compreensão da identidade e da experiência no espaço. A autora examina o conceito de "Oriente" e como ele tem sido usado para denotar não apenas uma direção geográfica, mas também uma série de associações culturais, históricas e simbólicas. Tradicionalmente, o "Oriente" foi frequentemente associado a imagens de exotismo, misticismo e alteridade em relação ao "Ocidente". Essas associações culturais e históricas têm implicações para a construção das identidades de gênero e sexualidade, uma vez que as normas sociais muitas vezes são estabelecidas em oposição a uma noção de "Oriente" que é vista como diferente e inferior.

5. ão, Mó, Sem título

A interseção entre arte, filosofia e ciência tem sido um terreno fértil para a exploração de saberes não reconhecidos, novas sensibilidades e conhecimentos do corpo. Através da criação poética, artistas têm frequentemente desbravado territórios desconhecidos, lançando luz sobre aspectos da experiência humana que escapam às

limitações das disciplinas tradicionais. O artista brasileiro Tunga, com sua poética rica e complexa — manifesta referência de Ío, que desafia inclusive as noções de identidade local em seus trabalhos, que frequentemente apontam para tempos e locais universais porque locais, mas frequentemente indeterminados —, oferece um exemplo extraordinário de como a alquimia da arte pode desvendar novos conhecimentos e sensibilidades, revelando conexões profundas entre o ser humano e o mundo que o cerca. Conhecido por sua capacidade de transcender fronteiras entre diferentes formas de expressão artística, Tunga, fazendo uso repetido do magnetismo, justapôs a matéria feita escultura à performance, à instalação —instauração — e à poesia para criar obras que desafiam a categorização convencional. Intrinsecamente ligada a conceitos alquímicos, que buscam transformar o comum em algo extraordinário, transmutando a matéria bruta em ouro, tanto literal quanto simbolicamente, o artista assim não apenas reimagina o mundo físico, mas também as sensibilidades humanas. Sustento que eis aqui um ponto em comum desta pesquisa à produção poética desse artista-alquimista.

Como disciplina dupla, filosófica e científica, a alquimia buscava entender e manipular a natureza e a consciência humana. De maneira similar, este projeto explora a natureza do ser humano e seu relacionamento com o mundo, mergulhando nas profundezas do inconsciente — aquilo que deseja, quiçá sente, e ainda não há palavras para sedimentar — e emergindo com visões que transcendem as realidades cotidianas. Não se trata de simples objetos: espécie de objetos animados que vibram nas vagas dimensões de compreensão, convidando o observador a explorar os limites da percepção e, por conseguinte, da identidade.

6. Elixir

Encontramos um diálogo entre o material e o imaterial, o concreto e o abstrato, o visível e o invisível. O artista, como o cientista, modula novas sensibilidades: convidando o observador a contemplar a complexidade do mundo e, na riqueza de suas próprias emoções e pensamentos, decantar algum sentido. Trataria-se, portanto, de um processo de transformação. As obras não buscam simplesmente representar a realidade, mas fabular no espectador realidades outras a partir de forças alternativas, questionando as normas estabelecidas e desafiando as convenções que evocam a

dualidade da existência humana, na interação entre o industrial e o orgânico, o racional e o emocional. Ao fazê-lo, um terreno fértil para a exploração de novas sensibilidades. Como uma pedra filosofal, revelando saberes que estavam escondidos, sensibilidades adormecidas e conhecimentos do corpo que estavam latentes. Assim como os alquimistas medievais buscavam o elixir da vida, todo e qualquer obra de arte apresenta-se ao espectador desejoso como uma possibilidade de sorver uma gota do elixir artístico que permitiria a transcendência da experiência humana *comum*.